

2008

n. 7-8/ julho-agosto

dma

da mihi animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA



O caráter sagrado da Terra

DMA Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

tel. 06/87.274.1

fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmaviv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti – Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Roces – Maria Rossi.

Tradutoras

francês– Anne Marie Baud

japonês - inspetoria japonesa

inglês - Louise Passero

polonês - Janina Stankiewicz

português– Maria Aparecida Nunes

espanhol - Amparo Contreras Alvarez

alemão - inspetoria austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Instituto Internacional Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p.

47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,

legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 7/8 luglio-agosto 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Sumário

Editorial	<i>Depende também de mim</i>	4
Dossiê	<i>O caráter sagrado da Terra</i>	5
A Lâmpada	<i>Leia e medite</i>	8
O Evangelho na vida	<i>Esta mesma noite</i>	10
Diálogo	<i>Leonella: a coragem do diálogo</i>	11
Fio de Ariadne	<i>Auto-limitação</i>	13
Cooperação e desenvolvimento	<i>Ao lado das jovens</i>	16
Direitos e vida consagrada	<i>Deixar-se evangelizar pelos pobres</i>	17
Foto Click	<i>Concurso de Fotografias</i>	19
Polis	<i>Participação e responsabilidade</i>	20
Jovem.com	<i>Fascínio virtual</i>	22
O Ponto	<i>Não basta um só Planeta</i>	24
Estante Sites	<i>Resenha sites Web</i>	25
Vídeo	<i>Lars e uma moça toda sua</i>	26
Estante	<i>Resenha: videos e livros</i>	28
Livro	<i>Kualid, aquele que non conseguia sonhar</i>	30
Camilla	<i>O mundo, minha casa</i>	32

Depende também de mim

Giuseppina Teruggi

Há um único fio condutor neste número da Revista. Podemos denominá-lo “conversão ecológica”, para mostrar a responsabilidade de todos perante a natureza e o uso das coisas. Uma convocação que orienta à essencialidade como estilo de vida, para salvar os recursos naturais e partilhá-los com os mais pobres. Para nós, uma provocação a ser pensada a respeito das nossas escolhas como mulheres que estão no seguimento de um Mestre pobre.

“Possuo de modo autêntico não as coisas que retenho para mim, mas aquelas que dou aos outros. Darei antes que me peçam, ou melhor, eu me anteciparei aos pedidos legítimos. Se eu viver deste modo, as riquezas serão minhas; de outra forma, eu é que serei possuído pelas minhas riquezas”. Assim escrevia Sêneca ao amigo Lucílio: expressões de sabor bíblico e de forte atualidade. Fazer a escolha de *não-deixar-se-possuir* pelas coisas é conversão ecológica. Uma maneira de prevenir catástrofes mundiais consideradas possíveis por muitos: novas epidemias, fome, modificações do ecossistema e do território até tornar não mais vivível o planeta Terra.

Parecem óbvias algumas considerações que deveriam, ao invés, incendiar-nos o coração e as mãos. Para citar algumas delas: *os pobres tornam-se sempre mais pobres e os ricos sempre mais ricos; 20% da população da terra possui 82,7% dos recursos mundiais; avançamos em direção a três grandes emergências: energia, alimentos, água*. Apesar disso, se olharmos ao nosso redor e também no interno de nossas realidades, parece que tudo deve continuar como sempre. A sociedade de consumo, no fundo, oferece-nos ampla garantia. O imperialismo econômico envolve pessoas e estruturas.

“O sistema consumista – sublinhava Tiziano Terzani – o seduz a querer até mesmo aquilo que você não queria”. Conversando com o filho, pouco antes da morte em 2005, o jornalista observava: “O homem agora é escravo da economia. Segundo o que eu penso, esta será a grande batalha do futuro: a batalha para o retorno a uma forma de *espiritualidade*. Ocorrem novos modelos de desenvolvimento. Não apenas crescimento, mas sobriedade. Veja, eu digo que é preciso libertar-se dos desejos”.

Eu, você, cada pessoa: o que podemos fazer? Melhorar o mundo, efetivamente, depende também de mim, de você. Há uma estratégia acessível e eficaz, a liliputiana, que pode indicar-nos uma pista percorrível. Sustenta-se sobre a convicção de que cada mudança parte da consciência pessoal. Da decisão livre de cada um. Trata-se de gestos concretos, cotidianos de sobriedade, de determinação a não ceder ao fascínio do ter. Às vezes são exigidos gestos corajosos de denúncia e de boicote de determinados produtos. Trata-se de contestar a lógica indicada pelo slogan hoje dominante: *mais veloz, mais alto, mais forte*. Para privilegiar a alternativa: *mais lento, mais profundo, mais humano*.

É a “conversão ecológica” para a qual nos orienta o Evangelho, e é profecia.

gteruggi@cgfma.org

O caráter sagrado da Terra

Graziella Curti

Emilia Di Massimo

Foi dito que *nada é sem voz*. A voz que vem da criação tem sem dúvida um acento de amor, uma voz que há bilhões de anos relata o cuidado e a ternura de um Criador por suas criaturas.

Na linha do amor preveniente, detemo-nos para considerar o caráter sagrado da criação, sinal grandioso, porém sempre mais desgastado e destruído pelos homens e mulheres do nosso tempo, que reduziram a Terra a uma fonte inexaurível de lucro esquecendo o respeito e a defesa deste tesouro vital.

Existe, seja como for, uma boa notícia que diz respeito às Igrejas e também ao nosso Instituto: junto a tanta gente de boa vontade, estamos nos empenhando a viver de modo mais sóbrio, economizando e usando apenas o essencial dos bens naturais.

Um amor que vem de longe

Longko Lorenzo, sábio indígena Mapuche, ensina-nos que antes do nascer do sol agradece-se a natureza pelo novo dia e se pede a permissão para trabalhá-la e usufruir dos seus frutos. Diz Longko que assim contavam os seus avós, e que ainda hoje ele, com 87 anos, esforça-se para ensinar isto aos outros. E, se não se respeita a natureza, acrescenta, no final ela se rebela. Na sua cosmovisão, o homem não vive sobre a terra, mas faz parte dela. O mapuche é um elemento a mais, não é superior à montanha ou ao rio, ou ao vento: todos os elementos são necessários e nenhum deles é superior ao outro. O mapuche, portanto, tem a obrigação de defender este equilíbrio e de chegar deste modo a uma relação harmônica que inclua todos estes elementos a serem usados para o próprio bem-estar, mas sem aquela obsessão pelo acúmulo egoístico, que negligencia a defesa do ecossistema.

“Índio sem terra é um índio morto” é a expressão típica de grupos indígenas originários da Argentina, que afirmam: “Queremos recuperar a nossa terra porque ela é o suporte da nossa cultura e a raiz da nossa organização familiar e comunitária”. Nestes testemunhos pode-se evidenciar o ponto em comum com a terra concebida como totalidade num cosmo que inclui todas as constelações humanas: econômica, política, social, cultural.

É significativo o testemunho de um Yanomami - grupo indígena da Amazônia: «Nós Yanomami, somos os filhos da terra, também os brancos o são, e também eu. O Yanomami é um ser humano, tem família, filhos, mulher, sente fome, chora, fica triste, e pensa que todos hoje falam da natureza e do ambiente, mas sou eu o ambiente.

Esta natureza, esta floresta é viva. Nós Yanomami, temos necessidade do ambiente vivo, e também vocês, e também os meus netos e também os netos dos brancos... por isso devemos preservar tudo e por isso estou tentando explicar-lhes como pensa o Yanomami... para pensar juntos».

Proteger o ambiente significa então salvaguardar também a cultura dos povos que o habitam. Significa expressar amor preventivo por si, pelas presentes gerações e por aquelas que virão.

Terra poluída, terra violada

A Terra está doente. E a doença coincide com as regiões mais industrializadas do mundo. O desenvolvimento industrial, o crescimento da população, o uso sempre mais intenso dos meios de transporte produzem gás que acabam por deteriorar inexoravelmente a atmosfera. As fotos do planeta feitas a partir dos satélites, mostram a distribuição e a concentração do bióxido de nitrogênio. Este gás é gerado pelos processos de combustão e, portanto, emana das atividades industriais, dos motores de carro, das centrais que produzem energia.

As maiores concentrações de bióxido de carbono encontram-se na Itália (na Valpadana), na Europa setentrional, na costa leste dos Estados Unidos, no Sul da África e na extensa região asiática que compreende, além da China, também o Japão e a Coreia. Todas zonas onde o desenvolvimento da atividade humana é sempre mais intenso. Mas existem agravantes.

Toda a área asiática está constantemente recoberta por uma imensa «nuvem negra» que estende sempre mais os seus tentáculos na direção de outros Países. E isto é devido ao fato de que a China é a nação que, mais que as outras, ainda recorre ao carbono, explorando suas numerosas e ricas minas. Mas no momento o «grande império» está empenhado, sobretudo, na produção e no desenvolvimento e são poucos os controles feitos sobre a poluição para procurar limitá-la. É por isso que se fala sempre mais da necessidade de uma legislação internacional que estabeleça limites à emissão dos poluentes.

Os Estados Unidos, sobretudo na região da costa oeste, estão sempre mais preocupados com a «nuvem negra» asiática que já viaja e se espalha em todas as direções. O mapa compilado com a observação espacial demonstra claramente que as áreas mais desenvolvidas da Terra sofrem, todas elas, o mesmo mal ambiental. E ao mesmo tempo devem convencer-se de que é necessário encontrar um remédio eficaz, para além das muitas palavras gastas inutilmente nas periódicas assembléias mundiais.

Salvar o planeta. Último apelo

“Em Malawi perguntei a uma mulher como se alimentava. Ela me respondeu que pegava os restos do moinho, fervia e dava às suas crianças. Eu lhe perguntei se era assim todos os dias e me respondeu: “Hoje não, não temos nada para comer porque é domingo e o moinho está fechado”.

O Equador lança uma campanha ecológica fora de série: em nome da humanidade, renunciará a explorar o petróleo do parque nacional de Yasuni, declarado pela Unesco parte da reserva mundial de biosfera, e evitará assim novas emissões nocivas de anidrido carbônico.

Privar-se dos apetitosos lucros do petróleo bruto, é um grande sacrifício, para um pequeno País como é o Equador, tanto que, em troca, ele pede ao mundo um pequeno valor: 350 milhões de dólares ao ano, ou seja, o equivalente à metade do lucro que teriam conseguido com a exploração das minas.

O objetivo é fazer uma escolha ecológica sustentada por todos, grandes potências à frente, e fazer sim que o dinheiro daí derivado seja investido na agricultura familiar, com a finalidade de colocar o País num modo de independência alimentar que o afaste para sempre da pobreza e torne viável um processo econômico que respeite o equilíbrio ambiental. Agora a palavra passa ao resto do mundo, em particular ao G8.

Algumas pérolas de sabedoria indiana nos indicam de modo poético a exigência de mudar estilos de vida, se tencionamos salvar a terra.

“Escuta com atenção as vozes dos animais. Torna-te um deles. De cada criatura aflui alguma coisa dentro de ti. Também ele emana alguma coisa: como, e o que seja, eu não sei, mas é assim. Eu o experimentei”.

“Vim ao mundo com a pele cor de bronze. Muitos dos meus amigos nasceram com a pele amarela, negra ou branca. Há flores de cores diferentes e todas elas são bonitas. Espero que os meus filhos vivam num mundo em que todos os homens, de todas as cores, vivam em harmonia e trabalhem juntos, sem que a maioria procure padronizar os demais à sua vontade”.

“Cada amanhecer é um símbolo sagrado. Sim, porque cada dia permitido pelo nosso Pai, é sagrado”.

Acabe com o desperdício

Fazer escolhas existenciais na ótica da *diminuição* significa reduzir o desperdício que gera um forte impacto ambiental e causa injustiças sociais.

A sobriedade não é somente uma virtude, mas é sobretudo, uma manifestação de inteligência e de autonomia de pensamento.

Quem vive num apartamento à temperatura de 22 graus, no inverno, vestindo uma malha fina de mangas curtas, abrindo as janelas quando faz muito calor, está certo de viver melhor do que uma pessoa que vive a 18 graus, com uma malha grossa e que diminui o aquecimento quando faz muito calor. Na realidade é um consumista que vive de modo fisiologicamente não natural: é mais sujeito a adoecer, contribui para aumentar as emissões de anidrido de carbono e, para obter estas vantagens, paga mais.

Quem segue a moda imposta pela propaganda, no vestuário, na alimentação, no tempo livre, nas férias, consome muito mais do que quem não a segue; adquire ilusões em troca da realidade. Vive num estado de obtusidade mental, que os publicitários conhecem bem: basta escutar suas mensagens para compreender que excluem a priori as poucas pessoas dotadas de senso crítico. Seja como for, esta minoria não compraria, certamente, a mercadoria propagada pela moda.

O seu pequeno gesto cotidiano

"As geleiras não envolvem mais Kivalina, que no inverno está sempre mais exposta às violentas tempestades do Oceano Ártico. Muitas casas foram destruídas pelas tempestades e outras foram abandonadas: a aldeia toda está lentamente deslizando para o mar". A trágica notícia foi divulgada pelos trezentos e noventa habitantes do pequeno centro situado ao norte do Alasca. Eles decidiram denunciar algumas grandes companhias petrolíferas, como a Exxon, a Shell e a BP como responsáveis pelo desastre devido às contínuas emissões de gás estufa.

O acontecimento poderia aliviar-nos e fazer-nos acreditar que são as multinacionais que devem corrigir os métodos de trabalho num mercado sempre mais exigente e dispendioso. Hoje sabemos, ao invés, que a salvaguarda da natureza cabe a cada um de nós, sem excluir ninguém. E nos toca nas pequenas escolhas cotidianas. Em todos os países desenvolvidos multiplicam-se as iniciativas para organizar uma "dieta com baixo nível de carbono": um comportamento cotidiano para evitar as ações que incluam um alto consumo de combustíveis fósseis. Isto é, um estilo de vida que torne possível um mundo que tenha um pouco de espaço também para os outros. Economizar luz, água, diminuir o uso de detergentes, eliminar saquinhos, pratos e talheres de plástico, são os gestos cotidianos que cada um de nós é capaz de fazer e que permitem a outras pessoas agregar-se ao atual bilhão de consumidores ricos, sem prejudicar o equilíbrio ecológico.

É uma ação coletiva da qual temos necessidade. "Devemos viver segundo os princípios de uma nova sobriedade", lembram-nos os Bispos da Igreja italiana. É necessária uma "conversão ecológica", que consiste em "despertar a atenção para todos aqueles meios colocados à disposição da ciência e da técnica para a redução do impacto ambiental, no campo da mobilidade, do aquecimento e da iluminação".

Da questão ambiental, que muito depende também das nossas pequenas escolhas cotidianas, "emerge uma tríplice exigência de justiça: para as futuras gerações, para os pobres, para o mundo inteiro".

As pegadas do Criador

Um árabe acompanhava através do deserto um explorador francês. E, a cada manhã, prostrava-se por terra para adorar e rezar a Deus.

Certo dia o francês lhe disse: "Você é um ingênuo: Deus não existe, na verdade você não o viu nem tocou". O árabe não respondeu.

Pouco depois o francês observou as pegadas do camelo na areia e exclamou: "Veja, por aqui passou um camelo".

O árabe respondeu: "Meu senhor, você é um ingênuo, nem viu, nem tocou o camelo".

"Tolo é você! As pegadas são visíveis!", replicou o francês.

Então o árabe, apontando o dedo para o sol: "Eis as pegadas do Criador: Deus existe!".

Práticas recomendáveis

Mais de **um bilhão** de pessoas, atualmente no planeta, não têm acesso à quantidade suficiente de água potável. Adotando simples regras de economia, poderemos contribuir para tutelar este bem vital para todos.

- Usar a ducha em vez da banheira: cada família pode economizar cerca de 30 mil litros de água por ano;
- fechar as torneiras da água quando não serve (por exemplo, enquanto se escovam os dentes, se faz a barba ou se ensaboa) e reabri-las só no momento de enxaguar, para evitar inúteis desperdícios;
- fazer funcionar as máquinas de lavar roupas e as de lavar pratos apenas quando estiverem cheias: o consumo energético e hídrico é o mesmo com a carga reduzida;
- reutilizar a água quando for possível: por exemplo, a água usada para lavar a fruta e a verdura pode servir para regar as plantas.

**“A Terra é suficiente para as necessidades de todos, não para a avidez de alguns!”
(Gandhi)**

A LÂMPADA

Graziela Curti

Leia e medite

IV passo da *lectio*

Nós já estamos no quarto passo da *lectio*. Fomos introduzidas aqui procurando o ambiente mais adequado ao encontro com o Senhor. Preparamos o coração para a escuta e invocamos o Espírito. Agora, através da leitura e releitura do texto, ouvimos a Palavra a nós dirigida.

Imaginamos o profeta, o apóstolo, ou Jesus mesmo que nos falam e tentamos ir além do simples ruído das palavras.

É aconselhável a leitura contínua do lecionário litúrgico, ou de um livro da Bíblia desde o início até o final. De fato, não é bom escolher, pegando aqui e ali, segundo critérios de simpatia. A liturgia de cada dia propõe-nos o melhor pão para a nossa fome.

Maravilhados

Quem quer estar sempre unido a Deus deve ler frequentemente... e escutar de boa vontade as sagradas Escrituras... visto que, todo progresso vem da leitura e da meditação. (Isidoro de Sevilha)

“É preciso ler o texto em si mesmo e contemplá-lo, parar em seguida, sem ainda ocupar as nossas outras faculdades além da atenção... Ocorre ter o máximo possível os olhos de Deus e pode-se aproximar deste olhar aprendendo a ler e a ver o mundo como ele o viu e leu... Não é preciso então procurar tanto as ressonâncias que a Palavra teve no momento em que foi escrita, mas acolhê-la como se fosse pronunciada hoje pela primeira vez. Só assim a leitura é viva, capaz de mensagem, fonte de criatividade; só assim teremos consciência de que é Deus quem está falando através de Cristo, e seremos capazes de aderir a esta voz, de acolhê-la e de retê-la” (Enzo Bianchi).

Deixe-se atrair

Meditar é procurar o sabor da Escritura, não a ciência. (Jean Leclercq)

Procuramos penetrar o sentido da Palavra que Deus nos oferece diariamente no tempo da meditação, com o silêncio e com a atenção do coração. Um tempo precioso que nos permite

aprofundar a mensagem de amor da Bíblia. A atração que podemos experimentar por aquilo que nos é comunicado depende também de alguns instrumentos culturais que nos permitem compreender mais a fundo o texto que lemos. Mas, advertem os biblistas, a *lectio divina* não é uma ciência e seria um grande risco esquecer isto.

"A compreensão do texto, de fato, depende essencialmente da inteligência de toda a Bíblia, do conhecimento da Bíblia através da própria Bíblia". É o método de leitura mediante as *concordâncias*, isto é, a memória paralela de expressões sobre um mesmo argumento, que podem iluminá-lo e enriquecê-lo, partes diversas de um mosaico que, no final, apresenta-se na sua harmonia e integridade. Poderia parecer um método pobre, talvez repetitivo, ao invés, é resultado de uma memória contínua que nos leva ao essencial e nos faz descobrir as constantes de uma mensagem de vida.

Rumine com paciência

Na meditação as palavras adquirem uma suavidade particular na boca e pode-se repetir interminavelmente a mesma palavra, sem fastio. (Isaac de Nínive)

"Para toda a Escritura – escreve Guilherme de Saint-Thierry, o ato de aplicar-se a ela (*ruminatio*) está tão distante da simples leitura, quanto a amizade está da hospitalidade, o afeto fraterno de uma saudação ocasional. A partir da leitura cotidiana é preciso fazer descer diariamente algo ao estômago da memória, para que seja digerido mais fielmente e, de novo lembrado, seja ruminado com intensa frequência".

É bom escolher, diariamente, uma expressão breve a ser lembrada com insistência até fazê-la entrar no ritmo da respiração, de modo que a Palavra se metabolize na alma e se transforme em invocação apaixonada.

A assiduidade à *lectio divina* provoca precisamente uma fusão da Palavra com quem a medita e a assimila em todo o seu ser de modo que todo seu pensamento, ação, gesto se torne transparência dela.

Também Maria Domingas

Se bem que no seu tempo não houvesse a possibilidade de ter a Bíblia em mãos, de lê-la continuamente, de sublinhar nela os passos a serem memorizados, Maria Domingas conseguia conservar no coração aquela Palavra que ouvia na Paróquia durante o catecismo. Além disso, mesmo se as ocasiões de ouvir o Evangelho na própria língua eram poucas, porque naquele tempo o lecionário litúrgico era em latim, em família mamãe e papai repetiam de cor algumas frases da Escritura que se tornaram luz para a sua vida, à guisa de provérbios sapienciais com os quais procuravam ler os acontecimentos.

Talvez por isso as Cartas que nos restam de nossa Fundadora e as duas conferências que encontramos no final das Constituições tenham o perfume do Evangelho como o pão que acabou de sair do forno.

Por que a lectio?

Não há intimismo na lectio, porque o termo de confronto e a suavidade são dados pela Palavra, no seu típico concretismo, que não admite retórica.

"A leitura na meditação tende a nos levar ao arrebatamento em Deus. Agostinho com inteligência nos adverte sobre esta passagem: "Se o texto for oração, rezai, se for lamento, lamentai, se for reconhecimento, ficai alegres, se for um texto de esperança, esperai, se exprime o temor, temei. Porque as coisas que sentis no texto são espelho de vós mesmos". É esta a verdadeira oração cristã: uma oração que se exprime como súplica, pedido, intercessão, louvor, agradecimento... que pode, aliás, conhecer todas as formas da plenitude da relação com o Outro". (Enzo Bianchi)

m.curti@cgfma.org

O EVANGELHO NA VIDA

Nesta mesma noite...

Lc 12, 13-21

A passagem do evangelho de Lucas parece alertar-nos contra a idolatria das coisas. Coloca-nos em alerta sobre a estupidez. A voz na noite, ao homem rico, com a cabeça perdida atrás dos seus celeiros, a voz na noite, voz de Deus, que lê as coisas em profundidade, a voz diz: “estulto...”

É Deus então que nos previne sobre a estultice, a estupidez. Um precioso favor, portanto. À inteligência, à sabedoria.

O pedido feito a Jesus de intervir no problema de uma herança entre irmãos, uma herança que está criando conflitos, é a ocasião para este ensinamento, no Evangelho. E isso bastaria para explicar os efeitos do dinheiro, dos bens materiais, quando eles se tornam um absoluto.

Talvez alguém se lembre das palavras do padre David Maria Turolto, que bradava: “São as coisas que nos dividem, são as coisas que nos fazem matar, a fera são as coisas”. Assim ele as denominava: a fera.

As mãos sobre o futuro

Jesus se recusa a entrar em questões de herança, não se interessa pela repartição dos bens, interessa-se, sim pelo coração, que pode ser livre ou sufocado. Sufocado pela ambição. E esta sua recusa, deixai-me dizer, esta sua recusa a entrar em questões jurídicas deveria trazer algum ensinamento, também hoje, para nós. “Se é um problema de divisão de bens” parece dizer Jesus “dirigi-vos aos organismos da sociedade civil. Toca a eles, que estão predispostos a dirimir estes problemas, não a mim”. O seu âmbito é um outro. Jesus parece distinguir os âmbitos, os seculares dos tipicamente religiosos. Com todo respeito a uma sã e necessária participação leiga. Cada um no seu âmbito. Reconhecido.

Lições importantes para as igrejas. Não devem ser esquecidas. Hoje.

Jesus desvela ao invés a inconsistência, antes, a estupidez dos pensamentos, dos projetos do homem da parábola, o dos celeiros: ele pensa garantir para si o futuro, pensa ter nas mãos o futuro, apossar-se do futuro com o que acumulou. Talvez todos aqueles verbos no futuro tenham tocado também vocês: “que farei? farei assim... demolirei... construirei... recolherei... direi a mim mesmo: minha alma, tu tens à tua disposição muitos bens, por muitos anos, descansa, come, bebe e entrega-te à felicidade”. Por muitos anos. Ele pensa ter em mãos o futuro. Mas o que sabe dele? “Estulto, nesta mesma noite, te será pedida a vida”. Por muitos anos... Nesta mesma noite, não haverá nem mesmo um outro dia. E tu pensas garantir o teu futuro?

A sutil ironia de Jesus

Estultice, segundo a Bíblia, é esquecer que a nossa vida é um sopro, esquecer a condição de caducidade, de precariedade, de fragilidade que assinala a vida de cada um de nós, uma condição que a morte desvenda inexoravelmente. Talvez não exista uma verdade mais certa do que esta, a nossa mortalidade e, talvez, não exista verdade mais esquecida do que esta.

Não sei se erro, mas parece-me que existe uma sombra de ironia, de sutil ironia, nas palavras de Jesus sobre este considerar-nos “onipotentes”, uma sã e abençoada ironia que talvez algum de vocês tenha encontrado nas assim chamadas “danças macabras”, as danças da morte narradas nos afrescos de algumas igrejas antigas. Na dança macabra, figuravam ao lado dos miseráveis os considerados grandes, papas, bispos, príncipes com suas jactâncias e diria eu, ainda mais criticados que eles. O que perdurou? O que ficou da sua auto-suficiência?

Não é porventura este o ensinamento do livro do Eclesiastes? Alguém chegou a perguntar que sentido teria um semelhante livro na Bíblia, com o seu realismo lúcido, com o seu timbre secular, com o seu absoluto desencanto: “Tudo é desperdício”, diz o Eclesiastes, “à fadiga não corresponde

nenhum fruto, o que o homem colhe desaparece, desaparecem os bens, desaparece a ciência, lá se vai a vida”.

Ressoam as palavras do salmo 90:

*"Os nossos anos acabam como um sopro,
os anos da nossa vida são setenta,
oitenta para os mais robustos,
mas quase tudo são fadigas e dores,
passam logo e nós desaparecemos”.*

Come com alegria o teu pão

Mas quem escreve estas palavras – seria um erro pensá-lo – não quer tornar pessimista o nosso coração, quer apenas curar-nos da cegueira, a cegueira do homem da parábola, o homem estulto, ou melhor usando a linguagem grega, o homem “sem inteligência”: ele tem os celeiros cheios, mas tem a vida vazia.

Quem vive de fato unicamente para produzir, para possuir, não sabe que uma vida não depende dos bens, persegue um fantasma e “o seu coração não repousa à noite”, dizia hoje o livro.

Poderá parecer um paradoxo, mas precisamente quem reconhece sem amargura a fragilidade das coisas e da vida, sabe verdadeiramente gozar dela. Sabe gozar do pouco ou muito, da luz e da graça, que o habita. Não faz disto um absoluto. Sendo assim, tu podes gozar, gozas de um dom que desde agora te é dado, gozas dele não pedindo os celeiros para ti mesmo, mas fazendo que outros participem deles. É assim que enriquecemos diante de Deus.

É precisamente do livro do Eclesiastes que vem este convite para unir a consciência da caducidade da vida com a capacidade de gozar dela:

“Vai, come com alegria o teu pão,
Bebe o teu vinho com coração alegre,
Porque Deus já se agradou das tuas obras.
Em todo tempo as tuas vestes são brancas,
E o perfume não falte na tua cabeça.

Goza a vida com a mulher que amas por todos os dias da tua vida fugaz, que Deus te concede sob o sol, porque esta é a tua sorte na vida e nas penas que sofres debaixo do sol” (Ecl 9, 7-9).

Ângelo Casati

DIÁLOGO

Bruna Grassini

Leonella: a coragem do diálogo

**“Caros jovens, devemos valorizar, sem desistir,
o respeito recíproco, a solidariedade, a Paz.
A vida de cada ser humano é sagrada tanto para os cristãos
como para os muçulmanos.
Eu vos asseguro que a Igreja quer continuar a construir
pontes de amizade e de paz
com os seguidores de todas as religiões, buscando
o que há de bom em cada pessoa e na sociedade,
no seu todo. A tarefa é árdua, mas não impossível.
O fiel – e nós todos, cristãos e muçulmanos o somos –**

**sabe que pode contar, apesar
da própria fragilidade, com a força espiritual da oração”.**

Bento XVI (Oss. Rom. 25.4.05)

“Viver o diálogo entre religiões é compreender que todos quantos te circundam estão em tua vida”. Assim escreve padre Albert Poulet, missionário jesuíta, especificando que não existe um diálogo entre as religiões, mas somente um diálogo entre homens e mulheres que caminham, lado a lado, ao longo de percursos religiosos diferentes.

“O diálogo inter-religioso é semelhante a uma “ponte” que ajuda a pôr em contato uns com os outros, e nos torna conscientes de que somos uma só família.

Para além das próprias idéias, é preciso alcançar a profundidade da situação, da necessidade, dos direitos do irmão, a fim de acolher sua experiência de vida.

Ao longo dos séculos construímos fronteiras, limites: muros de divisão, de preconceito, de medo, de racismo, de miséria.

O grande desafio cultural que hoje estamos enfrentando consiste em assumir uma visão mais ampla, livre, solidária. Trata-se de superar o fundamentalismo que “exclui” os outros, para que possamos abrir-nos ao diferente.

Em outras palavras: devemos aprender *a arte* de derrubar os “muros” e de construir “pontes”.

A nossa Madre recorda-nos que “esta arte vem de longe: tem raiz no sonho dos nossos fundadores. Os seus olhares abraçam amplos horizontes, pontes de esperança no diálogo que potencia a vida e libera, em comunidade, energias insuspeitadas para a audácia missionária” (*Circ. 892*).

Concretamente: o diálogo inter-religioso não é uma teoria, mas é compreensão, confiança, amor recíproco. É diálogo de Vida e de coração, como recordava João Paulo II na exortação *Ecclesia in Asia*.

“É aquela comunhão sem palavras, é compreender que as pessoas que te circundam estão em tua vida. É responsabilidade perante todos porque todos têm o direito de ser felizes”.

O diálogo do amor

Em 1980 João Paulo II inicia a primeira de suas viagens à África, acolhido por uma assembléia mista de mulçumanos, cristãos e hindus.

Grande artífice do diálogo, o Papa sublinha os vínculos espirituais, o respeito recíproco, a oração, a mesma fé de Abraão no “Deus clemente e misericordioso”, sem discriminações de raça, de religião, de classe social.

As Irmãs Missionárias da Consolata há 30 anos trabalham no Quênia com os pobres, os doentes, as crianças, muitas das quais não sobrevivem ao nascimento.

Ir. Leonella Sgorbati fundou uma escola para a formação de jovens enfermeiros, operadores sanitários, assistentes, muito cotada também pelo governo. Aos que lhe perguntam quantas crianças salvou com a sua presença, responde, sorrindo, que perdeu a conta. E acrescenta, convicta na sua humildade, “infelizmente as crianças da África ainda morrem por uma dor de barriga, morrem de fome, de varicela...”

Hoje, porém, a situação mais grave é a que se vive na Somália: um país dilacerado pela guerrilha, em poder dos clãs que lutam entre si, arrasado pela doença e pela enorme tragédia dos refugiados.

Uma guerra esquecida pelo mundo.

Com a deterioração das estruturas de governo: escola, serviços públicos, comunicações, os jovens procuram uma saída emigrando para o exterior.

É precisamente nesta situação desesperadora, que nasce em Mogadíche por iniciativa da ONG internacional SOS, a escola de Enfermagem, para onde é chamada a colaborar, em primeira pessoa, Ir. Leonella. Ela fica ao lado dos médicos, dá apoio aos doentes, encoraja os estudantes

na prática do tirocínio. Nos casos difíceis encoraja a todos, é presença de comunhão, constrói fraternidade, respeito, admiração porque sabe transmitir alegria, conforto.

"Tudo é Graça, diz, somente Graça. Para além de toda diferença cultural, religiosa, gostaria que todos experimentassem que Deus está conosco, nos ama. Ama a cada um com um amor indiscriminado, cheio de ternura".

Quem a encontrava recebia dela uma carga de "humanidade", graças ao seu caráter jovial, "solar", diziam os jovens. Ela está ciente dos perigos que pode encontrar, mas ama a vida e está disposta a "doá-la". "Talvez, acrescentava, já exista uma bala destinada a mim".

A vida como dom

Domingo, 17 de setembro de 2006. Ao meio-dia, depois de seis horas de assistência ao lado dos doentes, Ir. Leonella deixa rapidamente o hospital para voltar à comunidade.

Um homem armado de pistola dispara contra ela, pelas costas, de um carro estacionado. Mohamed Mahamud, o guarda que a acompanha, joga-se sobre ela para protegê-la. Também ele, atingido nas costas, morre, enquanto Ir. Leonella com um fio de voz sussurra. "Perdão, perdão, perdão. E expira na calçada".

Mohamed Mahamud é muçulmano, casado, pai de quatro filhos, agora órfãos.

É a prova incontestável de que existe um Islã que luta contra o fundamentalismo, o terror, o extremismo. Na sua última carta, enviada aos jovens, Ir. Leonella deixa uma espécie de testamento: "Passaram-se quarenta anos desde a minha Consagração: uma vida não fácil, mas feliz. Não sei o que me reserva o futuro, sei que estou nas mãos do Esposo mais fiel que existe, as do Senhor Jesus".

O FIO DE ARIADNE

Auto-limitação

Ir. Giuseppina Teruggi

Habitar a terra com amor

No último dia 22 de abril foi celebrado o *Earth day, o Dia da Terra*. Muitos especialistas delinearam para o futuro uma situação mundial preocupante, dando seqüência, também, à constatação de que nos últimos três anos o mundo consumiu mais do que conseguiu produzir. Muitos dos eventos celebrados evidenciaram a emergência da fome e do empobrecimento maciço em muitos Países: uma situação em crescimento progressivo, causada também por um sempre mais difundido aumento dos preços dos alimentos.

Bento XVI recentemente sublinhou que "hoje a humanidade teme pelo futuro equilíbrio ecológico" e fez um forte apelo à solidariedade para o reconhecimento da destinação universal dos bens da natureza, que toca, também, às gerações futuras.

Apesar disso, parece que não são muitos os que têm consciência dos sérios problemas que assolam grande parte do mundo e tornam o futuro incerto. E ainda menos numerosos são os que se envolvem em primeira pessoa com escolhas de auto-limitação, isto é, que limitam as próprias exigências, acreditando que as grandes transformações partem muitas vezes da base e da responsabilidade de cada um.

A Terra é a casa de todos. A cada um é pedido o empenho por uma *ecologia humana*, ligada à *ecologia do ambiente*, que se exprima numa atitude positiva e numa relação madura com as coisas e com a natureza. "A terra pertence a Deus que a doa à pessoa humana para que a habite com amor e liberdade", foi dito. Por isso o vínculo Deus-pessoa-cosmo é indissolúvel, e se constrói abrindo-se à solidariedade, ao respeito pela dignidade de cada pessoa, à capacidade de usar os

bens de modo eqüitativo, evitando os desperdícios. A auto-limitação é, antes de tudo, uma escolha de amor, de liberdade, de justiça perante cada pessoa que tem direito a uma vida plenamente humana.

Consumismo e felicidade

Gailbraith descreve a sociedade do bem-estar colocando em evidência o mecanismo da indução ao consumismo: quando as necessidades são satisfeitas e grande parte da produção excede o essencial é preciso criar novas necessidades. Numa sociedade capitalista a empresa tem o monopólio sobre o consumidor e o induz a sempre novas necessidades com o interesse de manter um certo ritmo no processo produtivo. Em definitivo, não são mais as necessidades que levam os consumidores a se decidir, mas os novos desejos que não se abrandam com o aumento do consumo, mas aumentam sempre mais.

Nos anos 60 foi feito um estudo sobre a relação entre o consumo e a felicidade. Recentes buscas demonstram que hoje, diante de níveis de rendimento e de consumo muito superiores aos registrados no passado, os níveis de satisfação pessoal são muito inferiores. Alguns estudos documentam como Países em dificuldade econômica (como a Nigéria e o Azerbaijão) resultam, na média, mais “felizes” que outros com uma taxa de bem-estar alto. Vários estudiosos da sociedade contemporânea se perguntam até que ponto o sistema econômico e social de hoje é capaz de melhorar a qualidade de vida. E são muitos os que se perguntam: o viver bem esgota-se, de fato, no plano econômico? Consumir muito significa chegar a ser feliz?

A aposta na *diminuição*

Num convênio internacional acontecido em Paris em 2002 com o título: “Desfazer o desenvolvimento, refazer o Mundo”, incentivou-se uma corrente de reflexão e de ação em torno da teoria da “diminuição”. *Diminuição* indica um sistema econômico baseado em princípios diferentes dos que regulam os sistemas vinculados ao *crescimento* econômico. A idéia que está na base é que os recursos naturais não são ilimitados e que, portanto, não se pode imaginar um crescimento indefinido. A melhoria das condições de vida deve ser obtida sem aumentar o consumo, porém, por outras vias. Para a construção destas vias é necessário, propriamente, mudar o paradigma dominante da necessidade de aumentar o consumo para conferir bem-estar à população.

A *diminuição* se fortalece com alguns pressupostos que nos provocam como educadoras:

- O funcionamento do sistema econômico atual depende em grande parte de recursos não renováveis. As reservas de matérias primas são limitadas, particularmente no que diz respeito às fontes de energia, incluídos os consumos para evitar dissipação e crescente dispersão de material.
- A riqueza não consiste somente em bens e serviços. Existem outras formas de riqueza social: a qualidade da justiça, as boas relações entre os componentes de uma sociedade, o caráter democrático das instituições. O crescimento da riqueza material, mensurada exclusivamente segundo indicadores monetários, pode resultar em dano para estas outras formas de riqueza.
- As sociedades atuais, imersas em múltiplos consumos, não percebem, em geral, a diminuição das riquezas mais essenciais que conferem qualidade de vida, e subestimam as reações dos excluídos, como a violência nas periferias das grandes cidades ou o ressentimento contra quem tem o supérfluo.

Todos somos responsáveis

Um expoente da *diminuição* Maurizio Pallante, sustenta que é essencial hoje reduzir o pedido de mercadorias. Visto que, ninguém pode obrigar alguém a comprar alguma coisa, os consumidores têm nas mãos uma arma muito poderosa, sobretudo em consideração ao fato de que nos países

industrializados o crescimento do consumo é agora sustentado pelo *inútil*. Sócrates ia de vez em quando ao mercado para avaliar a quantidade das coisas das quais não tinha necessidade!

No paradigma cultural da *diminuição*, a sobriedade é um dos valores fundamentais: ela não é somente renúncia, mas uma escolha de vida que faz sentir-se melhor não só quem a pratica, mas toda a humanidade no seu conjunto. Quem confunde o bem-estar com o excesso do ter acumula frustrações e insatisfações. Nas sociedades que alcançaram os máximos níveis de consumismo, muita gente faz uso sistemático de tratamentos psicológicos. Ao invés, a quem se limita a utilizar com sobriedade o que serve para viver sem restrições nem desperdícios, sobra tempo para dedicar-se a exigências mais profundas, humanas e espirituais. A sobriedade não é apenas um estilo de vida, mas um critério para obter mais com menos. Trata-se da capacidade de saber distinguir o mais do melhor, a quantidade da qualidade.

A *diminuição* é respeito ao passado, consciência de que não há progresso sem preservação. É indiferença ao modismo e ao efêmero. É alcançar o saber da tradição sem identificar a novidade com o melhor, o velho com o ultrapassado, a preservação com o fechamento mental. Significa desejar a alegria e não o divertimento, colaborar em vez de competir, valorizar a dimensão espiritual e afetiva.

A *diminuição* é a possibilidade de realizar um renascimento que livre a pessoa de ser reduzida a instrumento do crescimento econômico e que recoloca a economia no seu papel de gestão da casa comum, onde todos têm direito a um espaço para viver.

Um estilo de vida sóbrio

“A sobriedade não é só uma questão de quantidade e de redução. Para nós a sobriedade é algo muito profundo. Só uma pessoa que acolhe, ama e compartilha pode escolher a sobriedade como estilo de vida”. Estas considerações de Antônio Nanni nos fazem colher na sobriedade um valor que evoca simplicidade, equilíbrio, essencialidade, moderação, harmonia. A sobriedade é optar por um estilo de auto-limitação, é deixar de lado o supérfluo. Isto comporta a superação do modelo consumista e a consciência de que o bem-estar não é dado pela quantidade das coisas que se possuem, mas pela qualidade das relações com os outros, pelo espaço que lhes abrimos no nosso coração, pelas escolhas livres das coisas que nos sabemos impor.

A sobriedade é a capacidade de distinguir as necessidades reais das induzidas e, portanto, é uma ascese que habilita a controlar os próprios desejos e a lhes dar uma orientação significativa. E isto torna as pessoas disponíveis à partilha dos bens e dos saberes sem egoísmos, que desabrocham em frutos de alegria, segundo a linha paulina pela qual “há mais alegria em dar que em receber”.

A sobriedade, que limita o uso das coisas, é intrinsecamente subversiva e profética e, com frequência, implica em remar contra a corrente: é ao mesmo tempo uma denúncia do desperdício e uma antecipação daquilo que outros viverão amanhã, é um investimento sobre o futuro de todos, um sinal de respeito pelas gerações futuras e pelo planeta terra.

A sobriedade consiste também em ver o mundo na ótica dos pobres, daqueles que, por necessidade, frequentemente são privados também do necessário. E é feita de simples e concretos gestos cotidianos.

O estilo de vida *sóbrio e austero*, ao qual nos orientam as nossas Constituições (art. 23) liberta o coração e o torna espaço aberto para Deus e para os outros.

E confere à vida sabor de felicidade e de paz.

gteruggi@cgfma.org

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Ao lado das Jovens

Mara Borsi

A condição da mulher na Ásia é paradoxal. O continente onde os direitos fundamentais da mulher são violados de modo tão absoluto, é também o lugar símbolo da graça e da elegância feminina. Na Ásia, são muitas as experiências que tentam conter o flagelo da violência, do abuso, do tráfico das crianças e das mulheres. Pequenas ações com objetivos claros, levadas avante com poucos meios, mas com toda tenacidade por corajosas FMA.

A visitadoria "Maria, nosso Auxílio", ereta canonicamente em julho de 2003, com sede em Phnom Penh, está ativamente empenhada em promover a educação das meninas e das jovens mulheres no Camboja e em Myanmar. Pouco ou nada mudou para boa parte da população cambojana, nesses 30 anos após o fim do poder Khmer Vermelhos, e 10 anos depois da morte do líder sanguinário, Pol Pot. Nesta difícil situação as FMA trabalham com determinação para melhorar as condições de vida de meninas/os, defender as jovens mais pobres do tráfico de seres humanos e dar-lhes a oportunidade de uma formação humana profissional que permita olhar para o futuro com esperança. As FMA estão presentes no Camboja há 16 anos. A missão começou em Phnom Penh onde está a sede da Visitadoria. Na capital, as FMA dirigem um florescente centro de alfabetização para meninas/os, quatro escolas infantis, duas escolas elementares, cinco internatos, em dois dos quais são acolhidas crianças e jovens estudantes em situação familiar precária.

Uma situação difícil

A pedido do bispo, monsenhor Enrique Figaredo, as FMA abriram, em outubro de 2002, uma nova obra em Battambang, a noroeste do Camboja com a oferta de cursos de alfabetização e de corte e costura para as jovens mais pobres ou em risco de cair na rede do tráfico de seres humanos.

Depois de trinta anos de guerra civil a província de Battambang voltou à paz. Em 1998 a retirada dos Khmer marcou o fim da guerra civil, mas não a melhoria das condições de vida. O conflito deixou marcas profundas, a população assistiu a massacres, foi obrigada a migrar para outras zonas do País abandonando suas casas e familiares. Durante anos os cambojanos não tiveram acesso a nenhum serviço sanitário e educativo. A província de Battambang que foi fortemente abalada é, ainda hoje, palco de numerosos incidentes. Outro aspecto que distingue esta zona geográfica são os fluxos migratórios. Quando termina o tempo da colheita do arroz, os camponeses não têm com que viver e por isso emigram para a Tailândia ou para a capital em busca de trabalho ocasional e temporário. Ao mesmo tempo a cidade de Battambang auxilia o retorno de numerosos refugiados que, voltando ao País, têm necessidade de estruturas para sua re-inserção. A província de Battambang é essencialmente agrícola; as únicas fábricas presentes são as de tijolos. As condições de trabalho são muito difíceis, não existem normas de segurança, nem medidas para prevenir os incidentes. Os trabalhadores vivem no interno das fábricas com sua família. Os meninos e as meninas, de qualquer idade, ajudam os pais ou trabalham efetivamente e, sendo assim, permanecem analfabetos porque não frequentam a escola.

O Centro Dom Bosco de Battambang

O centro *Don Bosco literacy and skills* de Battambang representa a única possibilidade para as jovens de receber ou de continuar a sua formação. Todas são acolhidas gratuitamente pelo centro e por isso a partir de 2004 foi elaborado um projeto de desenvolvimento com a intenção de suprir as necessidades de alimentação e de material didático. O projeto, financiado por diversas

organizações, oferece às jovens mais pobres, provenientes das aldeias ou das zonas periféricas da cidade, uma formação qualificada que dá a possibilidade de melhorar a qualidade de vida e de projetar o seu futuro, permite-lhes ser autônomas do ponto de vista econômico e agentes de câmbio nas aldeias e no seu ambiente. O projeto tem como objetivos específicos ajudar as jovens a se formar integralmente para que possam amar a vida e sustentar-se com dignidade; prevenir a exploração e a degradação moral à qual estão expostas, sobretudo as jovens; formar multiplicadoras de obras de caridade para as aldeias mais pobres do Camboja. As FMA do centro *Don Bosco* oferecem curso de alfabetização, corte e costura, higiene, formação, com a duração de dois anos. A comunidade religiosa mantém os contatos também com as famílias das jovens – que vivem muitas vezes em situação de extrema pobreza – informando-as sobre os progressos obtidos. Em geral, ao terminar o curso de dois anos as jovens são ajudadas a encontrar um trabalho que contribua ao sustento da própria família.

Se você quiser dar uma contribuição para o projeto, basta consultar: <http://www.cgfmanet.org> – na sessão doações.

mborsi@pcn.net

DIREITOS E VIDA CONSAGRADA

Deixar-se evangelizar pelos pobres

Emilia Di Massimo

"O que me resta ainda fazer à minha vinha? (Isaías 5,4)"

Breve introdução ao profeta Isaías: Isaías é o primeiro grande profeta do reino de Judá. A sua pregação se desenvolve de 740 a 700 a. C. É o profeta do messianismo real, por meio do qual Deus se aproxima de seu povo nos momentos difíceis.

Fidelíssimo à sua vocação profética ele evocou tenazmente as obrigações do rei e do povo para com o Senhor, proclamando a necessidade da fé a todos quantos estavam inclinados a resolver os problemas do povo eleito com meios exclusivamente humanos recorrendo especialmente a ilusórias alianças políticas.

A disponibilidade total à missão faz surgir nos lábios do profeta um questionamento: "O que me resta ainda fazer à minha vinha?"...

Há uma vocação...

Existe para cada um de nós, uma vocação. E, em seguida, uma missão, uma "vinha" à qual o Senhor nos envia, nos chama. É a palavra "vocação" que devemos amar muito porque é a fonte do desejo de trabalhar na messe de Deus. A arca da aliança era para os hebreus a presença de JHWH; ser chamados por Deus equivale a ser "arca da aliança", isto é, seio que guarda o Senhor, o gera, o doa.

... e há uma "vinha"

Fazer-se dom na "vinha" que Ele nos confia é dar uma resposta religiosa e social, é partir dos "últimos" para chegar aos primeiros, é começar pelos mais necessitados para chegar a todos, e lá proclamar o alegre anúncio. Deixar-se evangelizar pelos pobres não é fácil, todavia são eles que possuem um grande potencial evangelizador. É importante deixar-se amar, deixar-se servir; escrevia Tonino Bello: "Somente quando nossas mãos enxugarem os pés dos irmãos, poderão fazer milagres nas panturrilhas dos outros sem arranhá-las, e só quando os nossos calcanhares forem lavados por uma mão amiga é que poderão mover-se em busca dos últimos sem deter-se". Hoje mais que nunca, deixar-se evangelizar pelos pobres significa ter a coragem de denunciar toda forma de injustiça, discriminação, exploração, violação dos direitos humanos, que a vida consagrada não deveria aceitar de forma alguma. Todos quantos foram chamados à vida religiosa são chamados a defender aqueles aos quais são negados os mais elementares direitos; isto inclui também esforços coletivos para que a justiça se torne realidade. Às vezes significa ajudar o mais

fraco e necessitado que está no nosso meio, assumindo sua defesa e solidarizando com os pobres e as vítimas da injustiça.

Cultura da Providência na desarmonia do globo

O império do dinheiro é construído sobre uma economia de opulência, para poucos, à custa de muitas vítimas da fome. Este império permite ao 20% do mundo usufruir ilegalmente do 82,7% dos recursos mundiais.

Para o 20% mais pobre (os que vivem com menos de um dólar ao dia) resta só o 14% dos recursos. Significa a morte pela fome de 30-40 milhões de pessoas por ano; e que os pobres se tornam sempre mais pobres e os ricos sempre mais ricos. Três famílias de um País com alto índice de “desenvolvimento” têm o equivalente em dinheiro do PIB de 48 Estados africanos que representam 600 milhões de pessoas. O nosso sistema é um sistema de morte. É contrário ao sonho de Deus quando nos manda trabalhar na sua vinha. Ele sonha uma economia de igualdade, que pede uma política de justiça radical. Mesmo acreditando que o sonho de Deus se realize entre as pregas obscuras da história, queremos olhar para a realidade do nosso mundo. Existe uma área de desenvolvimento que compreende países localizados em cada um dos cinco continentes. Trata-se de Nações cujo índice de desenvolvimento humano oscila entre o alto (19 Nações) e o médio (65 Nações), e os de desenvolvimento econômico entre o médio-alto (35 Nações) e o médio-baixo (49 Nações). O continente europeu concentra em si categorias de desenvolvimento humano e econômico muito diversificadas. Vai-se da mais alta concentração de Países bem desenvolvidos, a Países considerados (parece um paradoxo, mas é assim) em via de desenvolvimento.

“A economia, em última análise, é um problema teológico” – diz Ched Myers. *“O que me resta fazer ainda à minha vinha?”*. Talvez o Senhor peça às pessoas consagradas o esforço constante de introduzir o Seu sonho dentro da difícil história humana, neste precioso momento histórico, a fim de que “não exista um homem que seja mais importante que um outro homem” (Karl Popper). No fundo, o conselho evangélico da pobreza nos chama a empenhar-nos para que não existam mais os fortes de um lado e os fracos do outro, e apareça sempre mais claramente de que modo a nossa profissão de “pobreza, justiça, pureza”, seja sobretudo efetiva proclamação da economia da solidariedade. Como disse Marcos Arruda, da Rede brasileira para a economia solidária, no Fórum Social de 2004, “uma economia solidária não nasce de pensadores ou de idéias, mas é produto da concreta luta histórica do ser humano para viver e desenvolver-se como indivíduo e coletivamente”.

A nossa pobreza, a nossa auto-limitação, encontram fundamento na cultura da Providência, a única que nos faz derrotar a cultura da riqueza, nos leva à conversão do pensamento, nos liberta do comportamento de posse, monopólio e acúmulo, convertendo assim a nossa ação.

“Sonho uma sociedade onde as pessoas sejam mais importantes que as coisas e onde as crianças sejam consideradas preciosas” (*Desmond Tutu, arcebispo sul africano*).

A Associação Good Samaritan Onlus, com sede em Caronno Varesino (Itália), nasce em 1999 por solicitação de Ir. Dorina Tadiello, médica e membro do Instituto Missionário das Irmãs Combonianas (atualmente, vigária geral), com o objetivo de sustentar projetos nos Países em via de desenvolvimento. Nestes anos focalizou em particular, as suas intervenções em Uganda Norte, um país atormentado por uma longa e devastadora guerra.

A Associação empenhou-se em sustentar projetos propostos pela ONG local “Comboni Samaritans of Gulu” que trabalha em colaboração com as Irmãs Missionárias Combonianas em Gulu, em Uganda Norte, no setor AIDS. Por causa da longa guerra, da violência sistemática sobre os civis e especialmente sobre as mulheres, o distrito Acholi encontra-se nos primeiros lugares quanto à prevalência de soropositivo HIV e quanto à AIDS.

As intervenções visam a focalizar a complexa realidade em todas as suas dimensões: médica, social, psicológica, ética e espiritual, e a dar particular importância à prevenção, voltada sobretudo à faixa juvenil, a mais vulnerável e portanto em alto risco. **Good Samaritan** torna-se, assim, uma voz no mundo para denunciar injustiças e solicitar a urgência da solução de um conflito, considerado uma das maiores tragédias humanitárias.

Para saber mais: <http://www.comboniane.org/pagina.asp?p=379>

FOTOCCLICK

Concurso de Fotografias

O Otimismo

Olhar o mundo com olhos grandes
para ter grandes horizontes.

Amira – Jordânia



Reflexos de luz

Luz, alegria da criação.

Sílvia Rrotani – Albânia



Solidariedade

Amizade, generosidade,
solidariedade, simpatia.

*Edith Mawakam – Pointe-Noire
Rep. Dem. Congo*



Amizade

Ele confia e crê em mim, guarda os
meus segredos, realiza os meus desejos,
consola-me em todos os momentos,
vive nos meus pensamentos.

*Bruna Fernanda Antonio Clímaco
Corumbá/MS/Brasil*



Participação e responsabilidade

Anna Rita Cristaino

No Compêndio da Doutrina Social da Igreja, lemos no nº 6: *«O amor cristão impulsiona à denúncia, à proposta e ao empenho de planejamento cultural e social, a uma efetiva operosidade, que encoraje todos aqueles que trazem sinceramente no coração a disposição do homem pronto a oferecer a própria contribuição. A humanidade compreende sempre mais claramente estar ligada a um único destino que requer um compromisso comum de responsabilidade, inspirado por um humanismo integral e solidário: é bom observar que esta unidade de destino é muitas vezes condicionada e até imposta pela técnica ou pela economia e adverte para a necessidade de uma maior consciência moral, que oriente o caminho comum».*

Efetiva operosidade e empenho que derivam do conhecimento de dever despertar na consciência de todos, aqueles valores que constituem os pressupostos para a construção de um verdadeiro Governo social: o respeito pela vida, por cada vida, a solidariedade entre as pessoas, a participação e o respeito por todas as exigências mais autênticas.

Um primeiro e fundamental dever do cidadão é, portanto, participar da construção de uma boa convivência com todos. Estamos todos envolvidos. É somente na relação com os outros que o homem se realiza em plenitude e é uma ilusão querer preservar a própria vida refugiando-se no privativo, desde que os problemas da coletividade condicionam também a existência da pessoa em particular. É importante ao invés participar do debate político para fazer sim que as escolhas políticas sejam sempre mais adequadas às exigências coletivas e sejam expressões de um empenho conjunto pessoal e social, não para tutelar interesses partidários, mas para garantir um futuro à sociedade.

Para desenvolver adequadamente esta função de concreta participação política requer-se uma inteligência crítica capaz de individuar e de compreender as reais relações existentes na comunidade, os efetivos aparatos dos interesses em conflito, as forças reais que operam no tecido social e que muitas vezes o condicionam, os perigos de manipulação a que se é submetido.

É um dever do cidadão exercer efetivamente os seus direitos, tanto individuais como sociais. Isto inclui um dever de denúncia das injustiças e das ilegalidades; um dever de vigilância sobre o cumprimento das funções públicas e sobre o seu exercício correto; um dever de exigir, sem se cansar, que os direitos de todos sejam respeitados. Cansaço, desistência e medo muitas vezes se traduzem em substancial disfarce e convivência.

É dever do cidadão empenhar-se em primeira pessoa para o desenvolvimento da própria esfera de direitos. É um dever do cidadão não só preocupar-se com a própria comunidade nacional, mas abrir-se aos problemas de toda a comunidade humana para não correr o risco de refugiar-se em estreitos bairrismos, com uma visão muito míope da vida social.

Enfim, o cidadão não deve fechar-se no presente, esquecendo o seu passado e desinteressando-se pelo futuro. Isto implica em obrigações não somente com aqueles que vivem conosco, mas também com os que virão depois de nós.

arcristaino@cgfma.org

SUPLEMENTO: AMAR A VIDA

Gostava de fazer-se pequeno com os pequenos

Depois de um longo caminho Dom Bosco e João Cagliero chegam finalmente a Turim: «Lembro sempre com prazer o momento da minha entrada no Oratório, no entardecer de 2 de novembro.

Dom Bosco apresentou-me à boa mamãe Margarida dizendo: “Eis, mamãe, um juvenzinho de Castelnuovo, que tem a firme vontade de fazer-se bom e de estudar”.

“Oh, sim – responde a mãe de Dom Bosco – tu não fazes outra coisa senão procurar jovens, sabendo que não temos lugar”. “Oh, algum cantinho encontrarás! – rebate Dom Bosco [...] – Como este juvenzinho não é grande, nós o colocaremos para dormir no cesto; com uma corda o amarraremos a uma trave, no alto...”

A mãe sorri – prossegue a narrativa de João Cagliero – enquanto isso procurou um lugar para mim e, por aquela noite foi preciso que eu dormisse com um companheiro meu, aos pés de sua cama» (MB 4,291). No dia seguinte, João Cagliero faz o giro pelos ambientes em que está hospedado. «Vi que tudo era pobre naquela casinha. O aposento de Dom Bosco era baixo e estreito, os nossos dormitórios, no andar térreo, estreitos e pavimentados com pedras da rua, sem mobília, exceto os nossos colchões de palha, lençóis e cobertas. A cozinha era miserável e desprovida de louça, exceto de algumas poucas tigelas de estanho com as respectivas colheres. Garfos, facas e guardanapos, nós os veremos muitos anos depois, comprados ou presenteados por alguma pessoa piedosa e caridosa». «Dom Bosco muito se alegrava quando podia ir pessoalmente servir-nos no refeitório, ajudar a ordenar o dormitório, lavar e remendar as roupas, e outros serviços semelhantes – relata ainda João Cagliero. Fazia conosco vida comum e nos persuadia de que, mais que num hospital ou colégio, nós nos encontrávamos como numa família, sob a direção de um pai amorosíssimo que não queria senão o nosso bem espiritual e temporal. Gostava de fazer-se pequeno com os pequenos [...]. Seu coração era tomado pelo desejo de salvar os jovens. Se ele percebesse que algum dos meninos fosse menos bom, industriava-se para aproximar-se dele e dizer-lhe alguma boa palavra ao ouvido» (MB 4,292 s).

Pedras jogadas no rio

Giancarlo Bregantini, bispo, *"Cari giovani scrivo a voi"*, Elledici, 2007

Esta noite eu tive um sonho... Sonhei que caminhava numa planície quando estava para amanhecer. De repente cheguei à margem de um rio. Na margem do rio encontrei um saquinho cheio de pedras. Apanhei-o, mas distraidamente peguei uma pedra do saquinho e a atirei na água. Depois peguei uma outra e assim continuei a jogar outras pedras na água, por brincadeira, uma depois da outra.

O sol levantou-se e veio a luz. Enfim restou no saquinho uma única pedra, apertei-a com força na palma da mão e por pouco não desmaiei quando percebi que aquela pedra iluminada pelos raios do sol não era um pedregulho qualquer, mas uma pedra preciosa. Na minha ignorância havia jogado um saquinho cheio de pedras preciosas. Perdi uma fortuna. Atormentado pela desolação, desesperei-me. Depois compreendi que ainda fora afortunado porque me restara em mãos pelo menos uma pedra.

A vida é um tesouro imenso... mas, às vezes não se faz outra coisa senão jogá-la fora. Fica uma só pedra...

A minha vida, a nossa vida pode ainda ser salva, é ainda possível ter confiança, porque o saquinho da vida não contém apenas pedregulhos.

Amar a vida significa colocar-se ao lado dos últimos.

Amar a vida significa criar um encadeamento de colaboração entre os jovens, de modo que a vida não seja jogada fora.

Amar a vida é acompanhar as/os jovens em situação de risco pelos quarteirões da periferia, estigmatizados pela lei da prepotência.

Amar a vida é criar possibilidades concretas de trabalho, ajudando os jovens nesta programação.

Lembre-se de que para amar a vida é necessária a luz. É o evangelho que permite iluminar a pedrinha que está encerrada nas mãos. Cristo é luz e vida para cada coração.

Mara Borsi e Anna Rita Cristaino

O fascínio virtual

Chama-se Miss Bimbo e na França já envolveu milhões de adolescentes. Na Grã-Bretanha, os contatos subiram até as estrelas em poucas semanas. É uma competição on line para meninas dos 9 aos 16 anos, empenhadas em se tornar belas à custa de pílulas de emagrecer e retoques de cirurgia estética, para vencer o título de Rainha das Bimbo.

De repente está-se às voltas com dieta, guarda-roupa, ginástica e *shopping* para embelezar a própria *Miss Bimbo*: «Torne-se a mais famosa, bela, talentosa, independente e graciosa "bimbo" de toda a terra!», convida a tela inicial. Entre os instrumentos concedidos: pílulas e cirurgias plásticas, roupas íntimas *sexy* e *nightclub*.

Para vestir a própria boneca virtual, depois que se esgotou o crédito de 1000 bimbo-dólares (adquiridos para a gravação), pode-se enviar um SMS (cada uma destas mensagens custa 1,5 libras, o equivalente, aproximadamente, a 3 dólares, a R\$ 5) para aumentar o próprio pé-de-meia.

Miss Bimbo é um espaço virtual que se estende a diversos ambientes: à sala, à cidade onde se adquirem alimentos e vestuários, vai-se ao banco, entra-se nos centros de beleza e nos ginásios esportivos, procura-se trabalho, joga-se para aumentar o próprio quociente intelectual (a beleza não basta, é preciso ser inteligentes e valentes). É aqui que se aceitam e são apresentados os desafios, para impressionar e fregar um jovem rico, que possa pagar diariamente 50 bimbo-dólares pelas relações que estabelece. Mas, sobretudo é importante assumir uma forma física deslumbrante, em outras palavras, emagrecer ao menos um par de quilos e adquirir uma medida de sutiã maior.

Não só bonecas

Segundo o Dicionário *American Heritage*, "bimbo" é um termo da gíria usado para designar uma mulher frívola que demonstra um exagerado interesse pelo seu charme sensual.

Segundo o idealizador, Nicolas Jacquart, de vinte e três anos de idade, *Miss Bimbo* é um divertimento inofensivo: a cirurgia estética é apenas uma cota para a brincadeira, cuja essência está sobretudo em cuidar e prover os vários tipos de necessidades de um personagem. Os jovens aprendem a ocupar-se de alguém. O fato de que crianças e adolescentes tomem consciência de que existem seios de silicone, confirmam as tendências da sociedade atual.

Miss Bimbo não é senão a última peça de um recente e inédito sucesso internacional de desenhos animados e filmes como o *WINX*, o *BRATZ* que, a partir do personagem derramam os seus conteúdos sobre o mundo inteiro também graças à Internet e aos satélites, dando origem a um florescente mercado de brindes promocionais, vídeos, sapatos, roupas, mochilas, lápis, cadernos, etc.

Desmontar a máquina

Não causa admiração que *Miss Bimbo* tenha suscitado muitas críticas, não só porque, a um certo ponto, coloca em cena o dinheiro verdadeiro (com o risco de que se perca de vista a carteira e se evite o controle por parte dos adultos), mas também pelas mensagens nada educativas, a começar pelo insinuante título. O sucesso entre as jovens deve-se ao fato de que, nesta idade, as pré-adolescentes começam a preocupar-se com a imagem mental e física do próprio corpo, com a popularidade e com a atração que podem exercer sobre o sexo oposto.

Uma sondagem da Revista *Bliss* afirma que aproximadamente sobre 2 mil meninas, 19% está acima do peso, 67% sente necessidade de emagrecer (46% destas quer perder mais de 6 quilos).

Quase 2/3 das adolescentes abaixo de 13 anos se submetem a uma dieta e mais de 25% leva em consideração a possibilidade de fazer uma cirurgia plástica ou de tomar pílulas para emagrecer. André Scherzer, psicoterapeuta especializado em distúrbios alimentares, sustenta que as pré-adolescentes têm necessidade de adquirir confiança em si mesmas: «Devem aprender a valorizar-se em primeiro lugar como pessoas. É com o acompanhamento dos pais e dos adultos significativos que aprendem a mudar o foco de suas preocupações negativas com o aspecto físico para as forças interiores a fim de construir-se como personalidades serenas e abertas».

Associações de pais, como *Parentkid*, manifestaram-se com decisão, sustentando que a cirurgia estética não deveria alcançar o mundo da adolescência e que *Miss Bimbo* propõe um modelo de perfeição que pode prejudicar as *teen-agers*. Mas insurgiram-se também os médicos, que temem a mensagem negativa dada pela possibilidade de poder fornecer aos personagens virtuais pílulas de emagrecer para perder alguns quilos. Segundo alguns deles, trata-se de uma clara mensagem que favorece a anorexia.

Pode-se perguntar: que influência estes estímulos têm sobre o projeto de feminilidade que as mulheres de amanhã estão se programando? Estas “Barbies virtuais” e as pré-adolescentes ideais veiculam modelos de consumismo e de futilidades como também valores de amizade e de positividade: quais levarão a melhor na formação das jovens?

Um primeiro caminho para redimensionar o impacto destes conteúdos sobre as meninas é o de sempre: **mediar a mensagem**. Pais, educadores e educadoras deveriam perguntar a elas o que estão fazendo e experimentando quando brincam *on line* e como se projetam no próprio *avatar*. O segundo passo é acompanhar para refletir sobre quais poderiam ser as paradoxais conseqüências se as mesmas estratégias fossem usadas no mundo real. A família é um contexto educativo poderoso que não pode ser substituído pela televisão ou por outros *baby sitter* digitais.

Diário no Second Life

Desta vez esperava poder escrever a partir do *Teen Second Life*, o mundo virtual criado e freqüentado pelos adolescentes. Não me foi possível entrar porque tenho mais de... 17 anos. É por motivos de segurança. Os adultos, se quiserem entrar em TSL, devem adquirir para si uma ilha particular e demonstrar que não têm, na sua história, questões penais ou criminais abertas.

A esta altura, o retorno a SL era obrigatório. Encontrei-me nas *educational sims* (isto é regiões de SL) e cruzei com Maximilian da Alemanha que, gentilmente acompanhou-me num giro pela *De Paul University sim* e me permitiu entrar em contato com outras sims que se interessam por educação, como *ISTE Island* e *eduIsland II Sandbox*.

Não penso duas vezes... vôo para *ISTE Island* e encontro Kate e Richard, dois diretores escolares que tencionam construir uma ilha para a sua escola onde fazer publicidade e recrutar professores. Também *eduIsland* não é ruim: Alexandria, doutoranda em *Educational Leadership* na *Clemson University*, está programando um curso de seis semanas em colaboração com outras universidades para ensinar a usar SL como instrumento didático... Os horizontes são decididamente vastos... enquanto vôo sobre o caminho de volta à RL penso na possibilidade de visitar a Salesian SIM! Que acha disto? *Adelphie*

mac@cgfma.org
Imroces@gmail.com

O PONTO

Não basta um só Planeta!

Palma Lionetti

Ao que parece, se consumirmos água, solo fértil, recursos florestais e espécies animais, com o ritmo atual, em 2050 vamos precisar de dois Planetas.

Assim o afirmou já há dois anos o "Living Planet Report"!

O *Relatório 2006 sobre o Planeta Vivo* confirma que estamos utilizando os recursos do planeta mais rapidamente do que estes conseguem renovar-se. Nos últimos 20 anos superamos a capacidade da terra de sustentar os nossos estilos de vida: devemos deter-nos.

A presença do homem sobre a terra está ficando sempre mais difícil, de fato de 1970 a 2003 o rastro ecológico do homem – ou seja, o "peso" da procura de recursos naturais por parte das atividades humanas – aumentou a tal ponto que a terra não é mais capaz de reproduzir aquilo que vem sendo consumido.

Os sinais que chegam da terra não fazem senão confirmar tudo quanto foi previsto e gritam com força para repensarmos o papel do homem no planeta que vive e viverá três grandes emergências: *energia, alimentos e água*. Dependerá da boa gestão do planeta o fato de que os recursos estejam disponíveis a todos.

"Chegou o momento – afirma James P Leape, Diretor Geral do WWF Internacional – de fazer algumas escolhas fundamentais. Não será fácil melhorar o padrão de vida reduzindo ao mesmo tempo aquilo que arruína a natureza. Mas devemos saber que as escolhas que fazemos condicionarão as nossas possibilidades futuras".

É claro que o desafio para reduzir o nosso rastro toca o coração dos nossos atuais modelos de desenvolvimento econômico.

A verdadeira economia, então, não será talvez a arte de organizar o bem comum?

E a sobriedade é só questão de estilo de vida ou silenciosa revolução econômica e social?

Continuaremos a preencher os vazios com muitas coisas e objetos ou conseguiremos antes ou depois viver o vazio?

Entre as "escolhas fundamentais" ao nosso alcance está seguramente a de passar de uma visão de vida fundada sobre "coisas" com as quais preenchamos os vazios, como diz Giuliana Martirani, a uma visão, a um modelo de desenvolvimento em que as pessoas, a natureza e a própria matéria sejam pensadas como lugar da energia e da vida.

Esquecemo-nos completamente de que há um nexo entre as pessoas e entre estas e o mundo natural; esquecemo-nos de que "qualquer coisa que aconteça à terra, acontece também aos filhos da terra"!

ipalma@email.it

Recomendação de sites interessantes

<http://www.3csc.net/3csc/home.php>

REDE 3CSC é um site WEB interativo para a atualização das 3 Convenções das Nações Unidas em defesa do ambiente e para salvaguardar o planeta. Suas finalidades: promover e realizar estudos e projetos concluídos pela *biodiversidade*, contra as alterações do *clima* e pela luta à *desertificação*; chamar a atenção da opinião pública sobre tais temas; promover o nascimento em outros Países de associações análogas, favorecendo-lhes o crescimento e a colaboração recíproca.

<http://www.wwf.org/>

Propõe-se sensibilizar e construir um futuro no qual o homem possa viver em harmonia com a natureza. É um site articulado em múltiplas seções. É expressão da maior associação ambientalista do mundo, o WWF (*Word Wide Fund for Nature*) dedicada à conservação da natureza e que, graças ao suporte de quase 5 milhões de pessoas, trabalha incisivamente em quase 100 países. Por meio do site a associação propõe-se sempre novos empenhos e desafios: difundir a consciência sobre o valor da Biodiversidade e sobre a ligação entre o bem-estar dos ecossistemas e o bem-estar do homem; prestar atenção às Mudanças Climáticas e ao aquecimento global, que ameaçam ecossistemas inteiros, devido ao aumento da intensidade e da frequência dos assim chamados "eventos climáticos extremos" (furacões, inundações, ondas de calor, etc.); dar a conhecer melhor o sistema energético e criar uma nova geração de cidadãos ativos, conscientes e "eficientes por natureza".

<http://www.lifegate.it/>

LifeGate é a plataforma para o mundo eco-cultural, nascida para difundir valores, consciência, respeito pelo homem e pelo ambiente. Por meio de um *network* e projetos concretos, promove os conceitos de Povo, Planeta e Progresso, propõe um novo modelo econômico no qual convivem o progresso, o respeito pelo ambiente e a atenção ao social. Tem como objetivo promover um novo estilo de vida em consideração ao homem e ao ambiente, um desenvolvimento sustentável, a mudança da cultura dos consumos compulsivos para uma cultura de consumos conscientes.

<http://climate.weather.com>

Pertence ao portal www.weather.com

e se propõe a sensibilizar para a mudança climática e para o superaquecimento do planeta.

<http://www.worldwatch.org>>

O Instituto Worldwatch há dezenas de anos é considerado o mais importante ponto de observação das tendências ambientais do nosso planeta. Tem como objetivo apoiar a evolução para uma sociedade ambientalmente mais sustentável.

VÍDEO

Mariolina Parentaler

Lars e uma moça toda sua

De Craig Gillespie – USA - 2008

‘Recomendável’ diz o critério de avaliação pastoral da Comissão CEI antes de enunciar as temáticas: família, psicologia, solidariedade, ou mais explicitamente, caridade, acolhida, família, amor, perguntas existenciais, perdão, metáforas do nosso tempo.

Depois passa às evidências do estilo e comenta: «Vence pela originalidade e imprevisibilidade este tocante manuscrito, redigido propositalmente por Nancy Oliver». Focaliza de fato a estranha relação entre Lars – um moço de vinte e sete anos, introvertido, e sua ‘boneca humana’, adquirida na internet para superar alguns problemas difíceis de relacionamento com os outros. «É verdadeiramente exemplar a delicadeza com que a narrativa dá espaço à sua timidez – prossegue a crítica. É admirável a dedicação da comunidade ao acompanhar esta sua ‘demência’ até a cura, mesmo se num primeiro momento cause perplexidade. São admiráveis os caminhos de crescimento existencial que sublinha. A vontade de amadurecer, a necessidade de ajuda dos outros num horizonte de solidariedade que não faz perguntas...»

A obra apresenta-se como uma fábula, mas com muitas ligações estimulantes e vivíssimas com a realidade. Um filme esplêndido e comovente, dirigido com extrema delicadeza por um diretor principiante, que, mantendo-se sempre em equilíbrio entre o tom surrealista e o humorístico, consegue iluminar um mundo do qual muitas vezes o cinema – e não só – se esquece.

E se Ryan Gosling (o ator candidato ao Golden Globe pelo papel de Lars) comunica sem exageros expressivos, todo o drama do seu personagem, é o elenco inteiro que arrasta o espectador para a história com total identificação. Numa palavra, trata-se de um desafio cinematográfico indubitavelmente vencedor: divertido, bem feito, a ser valorizado por inteiro.

“Oh, que boneca!”

O Lars do título é um homem tímido e manso, um pouco perturbado, marcado para sempre pelo seu nascimento: a mãe morreu no parto. Vive num pequeno centro de Wisconsin, cidadezinha pacata na província americana, com poucos amigos e sem uma vida social. Tem dificuldade para entreter relações seja com os seus concidadãos, seja com o irmão Gus e a cunhada Karin que moram na casa da família, enquanto ele prefere ficar sozinho na garagem ao lado. A neve, o frio, a rotina cotidiana são, porém, improvisamente interrompidas pelo seu “grito de ajuda” estranho e imprevisível. A par da notícia que lhe dá um colega freqüentador de sites pornográficos, de que há possibilidade de se adquirir uma mulher de borracha (a assim chamada *Real doll*, boneca de silicone de tamanho natural, inflável e pronta para todos os usos) logo pede para lhe enviar uma. Chama-se Bianca e a apresentará como uma ex-missionária de origem brasileira, condenada a uma cadeira de rodas. Reservado, porém, como é, e considerando-a uma «noiva» com a qual não seria justo compartilhar um mesmo quarto, pede ao irmão para acolhê-la em casa, pronto a comportar-se com ela como um namorado casto e cortês. Gus e Karin ficam inicialmente assombrados. Preocupados com sua saúde mental dirigem-se a um especialista que os aconselha a satisfazê-lo em tudo. Assim, depois dos primeiros previsíveis embaraços, também parentes e vizinhos e toda a «comunidade» levam a sério este seu estranho relacionamento, junto à médica especialista que, recusando tratar de uma estranha doença de Bianca, assume com carinho o caso de Lars e consegue acompanhá-lo.

É deste modo que Bianca é aceita como uma pessoa: há quem vá buscá-la para ir à missa; quem a convida a fazer voluntariado no hospital; quem lhe procura um trabalho; quem a penteia e lhe corta os cabelos para torná-la bonita aos olhos do namorado. É acolhida e amada por aquilo que é e por aquilo que representa, sem pietismos e sem sentimentalismos. Mas, por ironia, será exatamente Bianca, com o seu desamor inocente, a ajudar a comunidade a abrir os olhos, para

que, pouco a pouco, a solicitude de Lars e a sua própria incapacidade de enfrentar o mundo, pudessem evoluir de modo natural. Acontece, de fato, que a boneca adoece de repente, é levada ao hospital, piora, morre e é sepultada com uma triste cerimônia. Mas, depois do sepultamento, Lars demonstra já ser capaz de sair da realidade distorcida que havia criado para si, e ligar-se a uma relação verdadeira.

Acolher o outro sem julgar, é a mensagem forte que emerge da obra, não esquecendo, porém, que o escopo é acompanhar até a cura e não enfatizar a estranheza. Esta simples tese consegue reger brilhantemente o equilíbrio da obra e garante ao filme um condutor que permite unir comédia e drama sem divagações.

PARA FAZER PENSAR

Sobre a idéia do filme

- **Relatar o acesso à idade adulta de Lars, que realiza a transferência por meio da boneca, e consegue enfim aproximar-se de uma moça de carne e osso. Quantas pessoas conhecemos, que não sabem interagir com os outros, seres humanos reais?**

Um projeto inteligente e cheio de entusiasmo. Lars esquiva-se das relações com as pessoas verdadeiras, também porque a sociedade o levou a ter medo das ligações profundas, para evitar outras feridas: as decepções. Não se deixa tocar, o contato com um outro ser humano resulta-lhe fisicamente doloroso, insustentável. A chegada de Bianca – manifestação de sua profunda insatisfação – torna-se ocasião para entrar em cena um surpreendente “espírito de comunidade” que, enquanto ajuda a tomar consciência de que todos “correm o risco de cair”, envolve a todos na tentativa de curar o amigo e de levar a uma conclusão que permitirá intuir o retorno de Lars ao equilíbrio. “É uma história simbólica – explica a cenógrafa – sobre alguém que experimenta e exprime os sentimentos da perda, da dor e da solidão, a incapacidade de enfrentar o mundo, a sensação de estar abandonado e esquecido. Uma história que nos é familiar, tanto em nossas vidas como na ficção cinematográfica. Mas o que a torna espontânea, singular e diferente, o que dá vida nova a uma história sem tempo, é realmente a presença de Bianca”.

Sobre o sonho do filme

- **Acompanhar o grande público de modo caloroso e delicado para auto-compreender que mesmo se nem todos temos necessidade de uma Bianca, é porém verdade que ninguém pode arranjar-se sozinho. E, portanto é justo comportar-se com coerência...**

A obra não deixa dúvidas sobre os conteúdos, mas a história que daí surge é toda surpresa e ternura. Bianca é verdadeira. Como indica o título original, ‘Lars e a Moça Real’. Bianca é verdadeira porque representa a exigência de felicidade e de amor de um jovem simples que tem a coragem de pedir, se bem que de modo metafórico e bizarro, uma ajuda. E a partir deste pedido, tudo muda. Todos mudam provocados por um pedido simples e sério – **“não me deixem sozinho”** – porque, a partir da relação com esta boneca, todos se aproximaram. A médica viúva e sem filhos que, solicitada pelos pedidos de Lars, revela um mundo íntimo de dor, (“às vezes me acontece – diz pensando no marido já falecido – que ao acordar, não lembro o meu nome e nem onde estou”). O irmão Gus, que muito tempo antes havia abandonado o pai depressivo. O esplêndido personagem da tímida Margo, a colega de Lars, que decide flertar um colega porque se sentia muito sozinha...

O filme, por fim, realiza um projeto verdadeiramente precioso e insólito que – de modo muito humano e delicado – tem a capacidade de comunicar com energia a necessidade de não marginalizar quem parece estar isolado. A ambientação, além disso, é acertada, pois sabe contrapor o frio do ambiente ao calor do coração: bate em uníssono e convida a todos a fazer o mesmo.

ESTANTE VÍDEOS

A música no coração (August Rush)

KIRSTEN SHERIDAN

USA – 2007

Um agradável filme musical e “musicófilo”. Trata-se de uma graciosa e terna fábula moderna, com encenação simples, narrada magicamente entre ritmos de trechos musicais e ruídos – umas vezes metropolitanos, outras vezes cósmicos. No meio termo entre fábula e realidade, a obra se inspira abertamente, na sua estrutura narrativa, em *Oliver Twist* de Dickens. Para interpretar August Rush – nome artístico do protagonista, a diretora escolhe com segurança um pequeno Mozart da periferia americana com ouvido, mão e inteligência musical extraordinários: Freddie Higmore, pequeno “ator prodígio” (já elogiado em *Neverland* e *a fábrica de chocolate*) que se revela agradável e sensívelíssimo, irresistivelmente credível no papel do brilhante pequeno gênio. É órfão, só a música o salva. Ele a sente em toda parte, em cada coisa ou lugar como uma inata/misteriosa vocação que pode levá-lo ao reencontro de seus pais, esperança que nem mesmo no orfanato havia perdido. E foge, convencido de que um dia conseguirá reencontrá-los. Vagando pelas ruas de Nova York, cidade onde sua mãe, culta violoncelista de sucesso e seu pai, um apaixonado guitarrista rock-star, o haviam concebido numa noite de amor antes de serem separados pelos acontecimentos. Associa-se a uma banda de pequenos músicos de rua explorados pelo “Mago” – um “maestro”, ambíguo e cruel que acolhe os sem-tetos num teatro abandonado e depois se apossa de suas coletas. É ele quem vai encaminhar o talento de Elvin e declarar a mensagem do filme: “A música é uma misteriosa linguagem que une os seres vivos”. O júri Pastoral considera a obra e faz uma avaliação sobre a mesma: “Trata-se certamente de uma fábula, mas narrada com uma força de inspiração e com uma persuasão expressiva tais a ponto de fazer emergir alguma pequena/grande verdade. A música é fluido que une as pessoas, é lugar de harmonias incompreensíveis, território onde o humano e o divino acham preciosos momentos de encontro. Neste caso, acontece com Elvin, que encontra em si mesmo uma vontade enorme de fazer os pais se reencontrarem, e a capacidade de vencer as situações adversas torna-se símbolo da possibilidade de fazer prevalecer o melhor em cada pessoa: aquele ‘espírito’ de força e de equilíbrio que subverte o tempo e o espaço”.

Como por encanto (*Enchanted*)

KELVIN LIMA

Usa – 2007

Um filme dirigido pelo diretor de *Tarzan* é uma apaixonada carta de amor aos clássicos do desenho animado que satisfizeram inteiras gerações de espectadores, escreve a revista *Ciak*. Todos concordam? A crítica exprime-se com muitas “observações” diante deste enésimo produto da casa Disney, que “faz e desfaz dentro das próprias fábulas”, e obtém um tipo de entretenimento que na primeira parte da obra é irônico e espirituoso, pois cede o passo a truques e sonhos. Estamos em Cartoonia. Alguma coisa entre “*Bambi*”, “*Branca de Neve*” e “*Gata Borralheira*”: casinha do bosque com muitos animais em torno, uma jovem de nome Giselle à espera do príncipe azul, infelizmente sempre dotado de mãe/madrinha que se mete no meio. Como por encanto a jovem encontra-se em Manhattan. E como por encanto – depois de músicas, danças, estradas a serem percorridas com risco de vida, tentativas bem sucedidas de conquistar com os espelhos mágicos e as maçãs envenenadas os indiferentes e distraídos novaiorquinos – Giselle depara com um outro príncipe azul.

A miscelânea para alguns poderia parecer intolerável: o desenho animado, o musical e a comédia romântica, agora considerados singularmente têm inimigos confessos. Por outro lado, depois de uma certa idade, tender-se-ia a não mais ver produções que começam com “era uma

vez” a não ser para levar as crianças. A Acec, na sua avaliação, assim se exprime: “É interessante a idéia de começar com os desenhos animados e depois baixar os personagens na moldura ‘viva’ de Nova York, com atores de carne e osso. Interessante porque desenvolvida com agudeza, equilíbrio, capacidade de unir tradição e modernidade. Também hoje, mais que nunca, temos necessidade da fábula num contexto que parece negar a possibilidade de qualquer entonação gentil, qualquer aparência de sonho e de triunfo dos sentimentos. Os estúdios Disney demonstram-se capazes de construir fábulas modernas que desafiam o gosto embrutecido de tantos espectadores. E convencem, com a magia de um cinema fluente, simpático, desenvolto”.

ESTANTE LIVROS

Candido Cannavò – **“Padres de calçada”** Ed. Rizzoli – 2008

O título é evidentemente provocatório. “Padres de calçada”, por quê? Trata-se de encontros com uns vinte sacerdotes católicos que o autor define “*padres de calçada*”: aqueles que não tiveram medo de sujar as vestes entrando em contato com situações extremas de miséria nas periferias de algumas grandes cidades italianas, ou de expor-se desarmados à luta contra a criminalidade organizada. Alguns nomes são conhecidíssimos (Dom Bensi, Dom Ciotti, Padre Zanotelli, Monsenhor Bregantini...) outros são menos conhecidos, mas têm em comum uma mesma paixão. Representam, na Igreja, os “ousados” da primeira linha, fiéis e contestadores, livres daquela prudência um tanto mundana que muito pouco parece ter em comum com a prudência evangélica, intolerantes com a frieza burocrática ou com o ritualismo vazio. Aqueles que se consideram comumente os padres incômodos. Não por nada o grande mestre ao qual quase todos se inspiram, é Dom Milani. Naturalmente certas opiniões audazes e certos estilos de comportamento podem suscitar perplexidade ou desaprovação, mas no conjunto estes modelos oferecem um belo catálogo de autênticos testemunhos de Jesus e do seu Evangelho.

Cristina Rolla – **À minha menina de olhos amendoados** Paulinas - 2008-06-30

O livro parece começar pela previsível pergunta de uma pequena vietnamita que cresceu numa família italiana. É o simples relato, envolvente como um romance, do longo caminho que toda a família precisou percorrer para poder acolher a irmãzinha vinda de tão longe. A mãe adotiva, já mãe de duas crianças, conta à filhinha as peripécias, fatos de viagens, demoras burocráticas, cursos preparatórios de pré-adoção, imprevistos e humilhações de todo gênero. As vicissitudes estafantes e às vezes tragicômicas, contadas com fino humorismo, constituem no conjunto uma comovente história de amor. Como deverá ser para qualquer pessoa que desejar enfrentar a “arriscada incógnita” de uma adoção. Mas, que risco, que incógnita? Objeta a autora. Cada criança que nasce o é... Uma criança adotada é antes de tudo uma criança, e basta. Ser papai e mamãe não é um fato puramente de sangue. Significa caminhar juntos e ajudar alguém a enfrentar o árduo caminho da vida.

Claire Ly – **Retorno ao Camboja** – Paulinas - 2008-06-30

É a mesma autora do desconcertante relato de A VOLTA DO INFERNO, sobre a mulher cambojana que escapou dos horrores dos campos dos Khmer vermelhos. Única supérstite da sua família, encontrou refúgio na França, onde começou para ela uma vida nova. Depois de ter assimilado uma cultura diferente, sente a necessidade de reencontrar suas raízes cambojanas. A jovem intelectual educada na espiritualidade budista tornou-se católica, mas sente que não pode cancelar a forte marca deixada na sua alma, sobretudo pela ação do sábio pai, fervoroso seguidor do Iluminado. Adverte que é possível uma harmonia entre duas culturas ambas riquíssimas: uma harmonia de diálogo que não constrangerá a cristã a renegar o seu passado: far-lhe-á sentir que a

boa nova de Cristo amplifica ulteriormente a grandeza do homem já percebida pelos budistas, mas que esta grandeza, o homem não extrai de si mesmo, é dom da Vida de Deus, e conclui: "A vida nova que recebi por graça é uma vida hospitaleira que permite acolher em mim a budista assim como é. Não procuro convertê-la, deixo-lhe simplesmente um espaço e (paradoxo!) a palavra autêntica da budista permite à cristã ser sempre mais discípula de Cristo..."

LIVRO

Emilia Di Massimo

Kualid, aquele que não conseguia sonhar

Vauro Senesi

"Tudo escuro. Uma escuridão tão densa que lhe parecia poder tocá-la. Kualid havia apenas aberto os olhos, às vezes, acontecia-lhe acordar em plena noite".

Assim se inicia "Kualid, o que não conseguia sonhar", primeiro romance de Vauro Senesi, jornalista e cartunista satírico. O texto é um delicado e envolvente romance, mas poderia também ser definido como uma forte denúncia do horror que se desencadeia no mundo quando estouram e se sucedem guerras sobre guerras. Lendo o livro tem-se a sensação de que a história seja verdadeira, mesmo pertencendo ao gênero romance; o Afeganistão é um país que o autor, com perícia, descreve como um país de "neve e de fogo", assim como a cidade real de Kabul aparece de "pó e de vento".

Para além do título que indica Kualid como protagonista, a história relatada é também, na realidade, a de centenas e centenas de crianças afegãs que, assim como ele, viveram os anos da sua infância numa Kabul devastada, com várias retomadas sanguinolentas das lutas pelo poder, derrotada e enfraquecida pela violência dos russos antes, e dos moujaheddin depois, destruída pelas bombas e perfurada por milhares de projéteis expelidos pelos kalashnikov, de tal modo difundidos naquele País dominado pelo medo e pela desconfiança, a ponto de serem considerados quase indispensáveis para a sobrevivência dos grandes e pequenos.

Na periferia de uma Kabul dominada pelos telebans e devastada pelas guerras, Kualid vive com sua mãe e o avô. Ganha a vida tapando buracos profundos que constelam as estradas mais tráfegadas de Kabul, com uma pesada pá, e com a ajuda de seu primo Said, esperando em troca como recompensa, uma moeda dos caminhões passantes. Kualid, porém, exatamente por ser pobre, é capaz de compartilhar o pouco que tem com quem é ainda menos afortunado que ele, e a esmola vem sempre acompanhada de um augúrio: "Que Deus esteja com você", ao qual faz eco: "Deus esteja com você".

O sofrimento de Kualid começa ao chegar a noite porque não consegue sonhar; ele experimenta a tristeza de jamais ter tido um sonho para contar. Chegou até mesmo a roubar as fitas do vídeo-cassete que os telebans haviam amarrado a uma metralhadora como advertência para lembrar a todos que música e imagens são proibidas; colocou-as debaixo do travesseiro e esperou que as imagens comessem a fluir, mas disto lhe resultou tão somente, mais uma desilusão.

Em Kabul não é apenas a música a ser proibida; entre as múltiplas coisas vetadas, estão também as pipas, que agradam tanto a Kualid, são o seu sonho de olhos abertos no qual se reversa toda a sua sede de liberdade. No encontro com Babrak, o calígrafo, abri-se-á para Kualid, um novo mundo.

"O que fazer com todas estas cores?" pergunta Kualid a Babrak. O rapazinho está como que hipnotizado pelos movimentos do calígrafo que pinta sobre um estojo de madeira os caracteres elegantes das letras. A emoção o invade quando Babrak o convida a ajudá-lo e lhe ensina a arte de escrever, a única permitida pelo regime teleban; para Kualid, que observa as cerdas do pincel impregnadas de azul, parece ter roubado aquela cor do céu. Um arco-íris de cores o envolve; as

cores da oficina do calígrafo dançam com as da natureza: o amarelo com o vermelho que produz o alaranjado do sol de verão; o verde que lembra a bandeira dos mártires do cemitério.

Kualid voltará algum dia a tapar os buracos das estradas, mas já se sente um calígrafo, um pintor. É uma nova descoberta de si mesmo, como uma pipa nova que não pode rejeitar a exigência de voar. É uma pipa capaz de levantar vôo também sobre os caminhos da amizade que se abre entre Kualid e Babrak: "Eis, Kualid, o teu segredo que agora a mim confiaste não é, porém, mais só teu. Um pouco o levarás tu e um pouco o levarei eu, e assim será mais leve para nós dois". Desvelar o segredo recíproco que ligará Babrak e Kualid significaria estragar a grandeza narrativa do romance, todavia poder-se-ia propor um relativo, enigmático questionamento a respeito, o qual deveria induzir a ler o texto: "E pensas na verdade que a beleza possa causar ofensa a Deus?"

O calígrafo não ensina ao rapazinho apenas a arte de se comunicar através do uso do pincel, mas lhe transmite valores importantes como a força, a coragem e a esperança, pois também Kualid pode sonhar e alimentar um sonho, e tal certeza é simbolizada por um dom que Babrak faz ao seu jovem amigo: uma colagem sobre uma cartolina azul; é uma pipa que levanta vôo em dourado no centro da folha, não pintado mas feito com muitos pequenos fios de palha colados.

Babrak pintará para Kualid uma pipa, a aprovará com um sorriso que se fundirá com o de Kualid "como as manchas vermelho-rubro que se fundiram com as outras cores na xícara das tintas".

Uma experiência semelhante gera no garoto, efetivamente, a consciência de ser, também ele, capaz de sonhar. É o dom mais precioso que Babrak poderia conceder-lhe! Apresentando a relação entre um adulto e um rapazinho, o romance confere também delicados toques de um percurso formativo, assim como oferece alguns lances relativos ao problema das minas anti-homem; à condição da mulher no Afeganistão, bem simbolizada pela mãe de Kualid; ao encontro finalmente traçado de duas gerações, a de Kualid com o seu avô; ao terror que os contínuos toques de recolher provocam e à triste prisão do avô de Kualid; à presença de organizações humanitárias que permitem aos artistas voltar a pintar, acompanhando este fato com a simpatia de uma tirada jocosa: "O mar é azul, não amarelo!".

O que foi dito acima é apenas uma breve síntese dos numerosos quadros que o autor apresenta, o estilo simplesmente jornalístico torna-se uma narrativa que chega ao ponto de suscitar no leitor tanto a capacidade evocativa quanto a reflexiva. Está completamente ausente o juízo a respeito das opressões, da crueldade que cada regime impõe em prejuízo a vítimas inocentes, mas Vauro Senesi denuncia todos, fornecendo assim também importantes núcleos históricos de atualidades desconcertantes.

Um tal relato poderia fazer pensar que a trama esteja pouco organizada; não é assim. A pipa parece ser o fio vermelho que conduz a narrativa; é o símbolo da infância, único elemento lúdico no cenário de guerra e de morte no qual vive Kualid. A pipa possibilita um entretenimento simples e fascinante que obriga a olhar para o alto entre as nuvens e confere, a quem a segue nas suas evoluções aéreas, sonhos e sensações de liberdade como somente o sonho pode fazer experimentar.

Sair da metáfora da pipa significa tornar-se consciente de que o romance lido ofereceu a experiência interior de poder voar para horizontes talvez conhecidos através da mídia, mas pouco vislumbrados pelos olhos de uma criança.

Poderá Kualid explicar a pipa? Poderá correr livre segurando o fio entre os dedos e finalmente chegar a sonhar?... Talvez um final muito deduzido para uma Kabul onde o barulho das bombas se repercute cotidianamente. Kualid experimentará um novo preço a pagar por aquela "liberdade" tão desejada e sonhada.

CAMILLA

O mundo, minha casa

Desde há algum tempo, ouve-se falar muito sobre recursos: será que se trata de uma moda nova?

Penso eu: os recursos naturais desta terra sempre existiram, e estão à disposição do homem. Mas o homem (e a mulher também, para ser exata) devem utilizá-los como pessoas humanas, ou seja, não como seres irracionais mas com aquela pitada de bom senso que – dizia minha avó – quem com vinte anos não o possui, com trinta o espera ainda.

Parece-me ter compreendido qual é o ponto importante: usar, “administrar”. Somos administradores de um grandioso poder que nos foi confiado; devemos usar e não destruir bens que não nos pertencem mas que, apenas utilizamos, como se diz. Usuários da criação: o que não é pouco, visto que não há nem mesmo taxa de aluguel, como há para a eletricidade e o gás; simplesmente está tudo à nossa disposição.

O mundo é como se fosse a nossa grande casa, a casa de todos. Toca-nos, como grande família, cuidar desta casa, conservá-la bem para poder ser habitável de modo decoroso: a nós (por pouco tempo, a partir de agora) e às gerações futuras. Para evitar consequências que seriam desastrosas para todos.

Por isso vi certas senhoritas – daquele tipo que eu chamo “de fachada” – descer do alto dos saltos perfurantes, inserir os delicados pezinhos em botas, cobrir as mãoszinhas (depois de tirar anéis e brincos) com luvas de varredores e aventurar-se à limpeza de parques públicos, de praias, de bosques: lugares que o turismo danifica, com frequência. Mas, digo eu, não seria mais simples que se evitasse espalhar e perder tantos restos, lá onde outros passarão depois de nós? Se esta é a nossa casa, a minha casa, por que não me lembro que a mamãe me ensinava a não jogar nada no chão, a recolher aquilo que cai, etc.?

Por que, depois de haver agido como insensatos jogando, destruindo e poluindo, devemos mobilizar o voluntariado para tornar a limpar? É mais difícil reparar certos danos que evitar causá-los, não? Ah, quanto era sábio Dom Bosco ao ensinar-nos que *prevenir é melhor que remediar*. Eis, ficar-nos-ia muito bem um toque também do sistema preventivo para tornar habitável esta casa de todos. Há de veras quem propõe um “décimo primeiro mandamento: não poluir”.

Vocês sabem qual é o problema? É deixar na natureza, com os hábitos de cada dia, simplesmente uma “marca de carbono”, que danifica o mundo. Que horror! Será necessário criar hábitos um pouco mais “limpos”.

Eu senti como se fosse um chamado para o voluntariado ecológico. O que há para rir? Um voluntariado educativo/preventivo é possível também à minha terceira (ou quarta?) juventude. Ouvi bem que o Papa Bento XVI – ele sim, é que conserva a juventude sem números – explicou que voluntariado não é só fazer, mas é um modo de ser que parte do coração. Uma espécie de “consciência ecológica”. Vou convidar e reunir muitas das minhas coetâneas para este voluntariado do coração: para fazer alguma coisa de bom em favor dos nossos... herdeiros; para conseguir – a partir de mim – uma consciência ecológica um pouco menos... inconsciente. O que acham?

Camilla.dma@gmail.com

PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ: Leigos e FMA sinais de amor para os jovens

PRIMEIRO PLANO: Fio de Ariadne
Reciprocidade

EM BUSCA: Cooperação e desenvolvimento
Experiência na América Latina

COMUNICAR: Jovem. com
Blog e Redes Sociais

PENSAMENTOS:

A admiração vem sempre do profundo: admiramos o que sabemos ser inexaurível e verdadeiramente insondável. (Dom Vonier)

DIREITOS HUMANOS:

Um terço da população mundial ainda está excluída do acesso aos medicamentos que salvam vidas. A injustiça planetária atinge os que vivem no limiar da pobreza.

